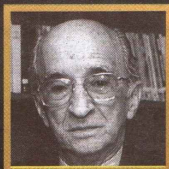


PIONEIROS

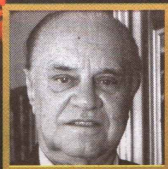
Histórias de quem fez Brasília

Até o final do ano, os leitores do Correio poderão se deliciar com as lembranças de quem pioneiros sobre a construção e a vida nos primeiros anos da capital na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*. Neste terceiro fascículo, um militar, um comerciante, um construtor, uma historiadora e um médico emocionam com suas recordações e empreendedorismo.

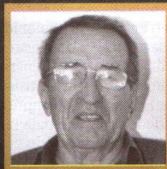
Afonso
Heliodoro



Hely Walter
Couto



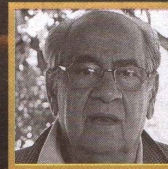
Ildu de
Oliveira



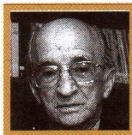
Léa
Sayão



Victor
Tannuri



PIONEIROS



Affonso Heliodoro dos Santos

Ritmo frenético das obras impressionava

Arquivo pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A bordo de um bimotor de fabricação francesa desembarcava na nova capital, em 1957, o coronel mineiro Affonso Heliodoro dos Santos, assessor de Juscelino Kubitschek. Casado com Maria da Conceição, a *Sãozinha*, como carinhosamente chama a mulher, fez do acampamento do Banco do Brasil, na 304 Sul, um espaço provisório para se acomodar, quando chegou a Brasília. Logo depois mudou-se para 108 Sul, "pagando uma taxa irrisória", lembra.

O ritmo das obras e a dedicação dos trabalhadores sempre impressionaram o pioneiro. Ele conta que o crescimento acelerado da nova capital era resultado de muito trabalho e do engajamento dos operários que tinham a preocupação de construir e entregar a nova sede do governo, antes que desistissem da idéia de transferência da capital. "Os candangos tinham facilidade para aprender as coisas rapidamente, não foi à toa que ergueram a cidade em três anos e dez meses", afirma. Segundo ele, a ajuda dos engenheiros americanos, que ensinavam alguns segredos da engenharia aos candangos, foi importante para o sucesso da empreitada.

De acordo com o coronel, nem as dificuldades de acesso à capital com a falta de infra-estrutura



das estradas, afetaram o andamento das obras. "Os materiais de construção vinham de longe por meio de trem ou caminhões e levavam dias para chegar".

O sonho e o empreendedorismo de Affonso Heliodoro eram compartilhados pelos colegas que formavam o chamado *grupo de idealizadores*. Entre eles o jornalista Carlos Rodrigues, Israel Píneiro e Hely Walter Couto, além

do maior idealizador de todas as obras: Juscelino Kubitschek.

Saudosista, o coronel recorda com satisfação o jeito simples de JK: sempre determinado, corajoso e batalhador. "Brasília não teria sido construída não fosse também a coragem e a força de vontade de Juscelino. Ele sempre tomava a frente de tudo, conhecia os peões pelo nome e envolvia a todos com seu carisma e

disposição", relata. "Muitas vezes Juscelino vestia uniforme e ia para as obras onde tomava seu cafezinho matinal e conversava com todos", acrescenta.

Admiração

Orgulhoso de pertencer ao grupo, Affonso Heliodoro se tornou um admirador do presidente e de seu estilo de governar. "No primeiro dia de governo, às 7h já

AFFONSO HELIODORO (E), ALÉM DE DIVIDIR O GABINETE COM JK, MUITAS VEZES DORMIU SOB O MESMO TETO QUE O PRESIDENTE NO ALVORADA E NO CATETINHO

PIONEIROS

Como assessor do presidente Juscelino Kubitschek, Affonso Heliodoro fez parte do chamado *grupo de idealizadores*, ao lado de Israel Pinheiro, Hely Walter Couto e Carlos Rodrigues



AFFONSO E SÃOZINHA CRIARAM OS FILHOS NA NOVA CAPITAL E HOJE CURTEM OS NETOS E BISNETOS

estava de pé para reunir todo o ministério, explicar seu Plano de Metas e distribuir as tarefas de cada um", lembra. "Isso é difícil de se ver nos governos que o sucederam", compara.

Depois de fazer carreira no Planalto Central e assistir de perto a inauguração do novo centro político do país, hoje o disciplinado coronel não hesita em afirmar que "Brasília é o melhor lugar do mundo para se viver. É uma cidade bem arborizada, de trânsito tranquilo, sem a violência e insegurança dos grandes centros". E observa "as pessoas que saem daqui estão sempre retornando".

A preocupação em preservar o passado da cidade fez com que o candango tomasse a frente e ocupasse cargos de direção em importantes órgãos públicos e culturais de Brasília, como o Memorial JK e o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, que preside até hoje.

O amor por Brasília vai mais além. A história da cidade que ele viu nascer e crescer agora é tema do livro *De Diamantina ao Memorial — Opúsculo*. Na obra, o também escritor descreve com a fidelidade de uma testemunha ocular e a poesia de um bom mineiro o seu tempo em Brasília.

Conterrâneos

Companheiros, amigos e conterrâneos. Assim era a relação entre Juscelino Kubitschek e o menino Affonso Heliodoro dos Santos quando ainda moravam na pequena cidade mineira de Diamantina.

Aluno de D. Júlia Kubitschek, o hoje Cidadão Honorário de Brasília Affonso Heliodoro dava os primeiros passos rumo a uma brilhante carreira militar e literária. "D. Júlia era uma mulher energética, segura, muito brava, mas formidável", afirma o militar de 87 anos.

A ausência da figura paterna e a vida difícil na histórica Diamantina obrigaram o adolescente franzone a buscar oportunidades de trabalho na capital mineira. Lá, Affonso frequentou o Curso de Formação de Oficiais que mais tarde o levaria a ocupar a subchefia do Gabinete Civil da Presidência de JK, em Brasília. O trabalho se encarregaria de selar uma rela-

ção marcada por respeito, amizade e admiração.

Sempre emocionado ao lembrar dos bons tempos em que serviu à Presidência, o coronel guarda com carinho, fotos onde aparece ao lado de Juscelino e lembranças de um país em pleno desenvolvimento. "Antes de Juscelino, importávamos caneta esferográfica depois, passamos a exportar automóveis", exalta com satisfação o ex-assessor de JK, Affonso Heliodoro.

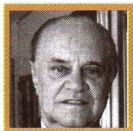
Uma carta, datada de 18 de julho de 1964, escrita por Juscelino, no tempo de exílio na França, é a maior prova da amizade entre os dois. Na carta, ele afirma sentir saudades das aventuras ao lado do amigo que aqui deixou.

(...)"Todas as manhãs ao despertar penso que vou encontrá-lo no meu quarto para os primeiros comentários do dia. Hábito velho que trouxemos de Minas, levamos para o Rio, transportamos para Brasília e novamente nosacompanhou para o Rio, ficou de tal modo integrado na minha lembrança. Mas não posso deixar de confessar que viver fora do país, sem saber quando será possível o regresso é o castigo mais cruel imposto a um homem que só pensava no Brasil. Você, meu caro Affonso, não pode perder a experiência que adquiriu. Notável, autodidata, aprendeu consigo mesmo coisas que me deixavam surpreso. É preciso ainda aproveitar para o Brasil a sua experiência". (...)

Affonso relembra como se fosse hoje da época em que permanecia boa parte do tempo ao lado de JK, pois além de dividir o mesmo gabinete, dormiram sob o mesmo teto no Alvorada e no Catetinho por várias vezes. "Convivi mais tempo com a família de Juscelino do que com minhas filhas". Segundo ele, era uma vida de muito trabalho, porém, compensava. "Hoje me sinto orgulhoso por ter feito parte de uma equipe de idealizadores que trabalhou por um Brasil melhor", conclui.

Raio X

Nome: Affonso Heliodoro dos Santos
Idade: 87 anos
Origem: Diamantina, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Militar da reserva
Esposa: Maria da Conceição
Filhos: Dolores, Lélío Gabriel e Affonso Heliodoro
Netos: Andréia, Pedro, João Paulo, Gabriela, Joana, Luíza, Pedro, Frederico e Mônica
Bisnetos: Vítor Leoni, Gabriel, Beatriz e Arthur Henrique



Hely Walter Couto

Com Brasília, uma nova profissão de sucesso

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Sua maior vocação profissional talvez nunca tivesse sido revelada se Brasília não entrasse em sua história. Mineiro, de São Gotardo, aos 78 anos de idade, Hely Walter Couto pode se considerar um homem de sorte. Até hoje, num gesto de gratidão ao que significou sua vinda para o Distrito Federal, Hely olha para as fotografias que guarda em casa e pede a benção a seus pais e a Juscelino Kubitschek. "Faço isso todos os dias", afirma.

Mudar-se para o Planalto Central, em 1958, significava arriscar tudo por um sonho coletivo de prosperidade. O cotidiano da construção da nova capital era a concretização do sentimento de esperança por dias melhores e fé no progresso do país. "Brasília era só trabalho, não tinha nada, mas todos que aqui estavam acreditavam no ideal de JK", diz Hely. "Quando senti isso de perto, logo quis participar", conta.

O primeiro a vir foi o Afonso, irmão do amigo Vicente de Paula Araújo. Ele, que já era comerciante em Belo Horizonte, montou uma das primeiras Elétricas do DF — a Elétrica Araújo, aberta até hoje. O sucesso da empreitada, anunciada por Vicente, animou Hely: "Ele me disse que sete meses de vendas em Brasília correspondiam a cinco anos de trabalho em BH". Uma semana depois, Hely desembarcava no aeroporto de



madeira da futura capital do país.

Alfaite do Banco Financial na capital mineira, Hely chegava a Brasília sem saber a que ofício se dedicaria na vida que iniciaria aqui. A sugestão certa veio do irmão de Vicente. Vários setores do comércio já estavam representados na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Um deles, entretanto, fundamental para uma cidade com ares de canteiro de obras, permanecia descoberto. Brasília carecia de uma loja que vendesse artigos de borracha,

como botas, capas e mangueiras, além de utilitários como camisas de campanha, travessieiros e autopeças. Hely abraçou a ideia e voltou para BH.

Presente

Durante os preparativos para a mudança definitiva, recebeu outro conselho histórico. Um dos funcionários que trabalhava na alfaiataria perguntou-lhe se a casa da borracha seria de fato a primeira da cidade. Frente à resposta afirmativa do patrão, presen-

teou Hely com o nome do seu futuro sucesso comercial: "Então é Pioneira, Pioneira da Borracha!"

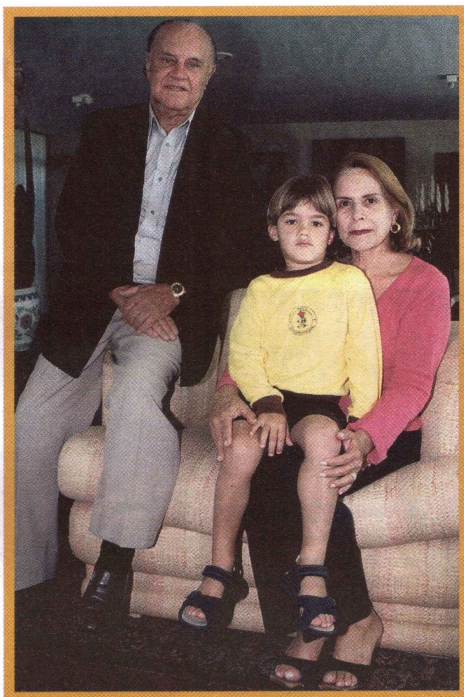
A primeira loja da Pioneira funcionava em um barraco de madeira, como tudo na Cidade Livre. Hely dormia nos fundos da loja. Já casado, instalou-se primeiro sozinho, deixando a família em Minas. Não havia qualidade de vida aqui. Hely se lembra da maneira peculiar que usava para tomar banho de água quente: "Aquecia a água numa panela, depois colocava numa lata de querosene

FOI NA CIDADE LIVRE, HOJE NÚCLEO BANDEIRANTE, QUE HELY SE INSTALOU PARA TENTAR A VIDA NO PLANALTO CENTRAL

PIONEIROS

Alfaiate em Belo Horizonte, Hely chegou à nova capital, contagiado pelo ideal de JK, sem saber a que atividade se dedicaria. O comércio de borracha foi um tiro certeiro

HELY E HELENICE ESTÃO CASADOS HÁ 47 ANOS. TIVERAM QUATRO FILHOS E HOJE ACOMPANHAM A CRIAÇÃO DOS NETOS NA CIDADE



cheira de furos e pendurava como se fosse um chuveiro", conta.

O trabalho nunca era interrompido. A loja funcionava de segunda a domingo. O lazer se restringia aos momentos de bate-papo entre os candangos. Mesmo com a intensidade do cotidiano na Cidade Livre, Hely nunca se sentiu desanimado. Mas se por ventura o cansaço o fizesse pensar em desistir, a presença constante de JK nas ruas da cidade serviam de fôlego adicional para mais uma temporada. "JK era uma figura inacreditável", elogia. "Quando ia ao Núcleo, cumprimentava a todos, subia na porta do carro e falava algo que entusiasmava qualquer um que o ouvisse", completa.

Pouco mais de um ano em ritmo frenético, aconteceu o inesperado. Cerca de dois meses antes da inauguração da nova capital, Hely teve a oportunidade de convidar o chefe de compras da Novacap, Hélio Moreira, para conhecer a Pioneira. De passagem pelo Núcleo, a autoridade não hesitou em aceitar o convite.

Pequena, a loja contava com poucas prateleiras. Numa delas, havia seis travessieiros da marca Pirelli do Brasil. O produto exposto chamou a atenção de Moreira, que na oportunidade procurava fornecedor para a compra de mil travessieiros. O valor da compra representava metade de todo o capital da Pioneira — 400 mil cruzeiros. Hely arriscou e, mesmo sem ter mercadoria disponível, enviou a proposta para a Novacap.

Entre as 15 propostas recebidas, Moreira escolheu a da Pioneira. O primeiro desafio estava vencido. O segundo era convencer a Pirelli a fornecer a quantidade do pedido em tempo hábil

para a festa. Os travessieiros seriam usados para acomodar os convidados de JK na inauguração de Brasília. Hely partiu para São Paulo a fim de convencer pessoalmente o diretor presidente da empresa no país, Giordano, a entregar a mercadoria.

Risco compensado

No caminho, Hely teve a idéia de dobrar o pedido a fim de multiplicar o lucro da loja. Quando chegasse em Brasília, daria um jeito de vender mil travessieiros a mais. A Pirelli não tinha o volume necessário. A compra ficaria em 700 mil cruzeiros. Hely não tinha a garantia do pagamento, mas seu entusiasmo e a confiança com a qual falou para o senhor Giordano o convenceram. Depois de quatro horas de discussão, o italiano começou a mobili-

zar todos os funcionários da empresa a fim de entregar o pedido de dois mil travessieiros até o dia 19 de abril de 1960. O acordo era dar o dinheiro que receberia da Novacap diretamente para ele e ser pago pela Pirelli.

Na volta para Brasília, a alegria da conquista era superada pela nova preocupação: vender a mercadoria extra. Três horas depois de desembarcar no DF, Hely teve a comprovação de que sua sorte estava diretamente relacionada à sua permanência no Planalto Central. Ansioso, Moreira o procurou pedindo para triplicar o pedido, pois precisaria de três mil travessieiros. Sabendo da impossibilidade de cumprir a exigência, os dois fecharam o negócio em duas mil unidades. Com a jogada arrojada, Hely ganhou o capital necessário para melhorar

a loja e torná-la um dos principais estabelecimentos comerciais da cidade.

Casado há 47 anos com Helenice Bougleux Couto, Hely teve quatro filhos, todos nascidos em Minas Gerais devido à precariedade dos hospitais que Brasília tinha nos primeiros anos de existência. A Pioneira conta hoje com oito filiais espalhadas pelo DF, das quais cinco estão em nome dos filhos. A principal fica na W3, avenida que tem Hely hoje como seu principal defensor.

Ele é o prefeito e idealizador do projeto que prevê a revitalização do que já foi a principal via comercial do Plano Piloto. "O único sonho que ainda quero realizar é ver a W3 cheia de lojas, cinemas, galerias culturais, praças e jardins bem cuidados", diz. "Viva de novo como era no início", conclui.

“
VICENTE ME
DISSE QUE SETE
MESES DE
VENDAS EM
BRASÍLIA
CORRESPONDIAM
A CINCO ANOS
DE TRABALHO
EM BH”

Raio X

Nome:
Hely Walter Couto
Idade:
78 anos
Ano de chegada a Brasília:
1958
Origem:
São Gotardo, Minas Gerais
Profissão:
Comerciante
Esposa:
Helenice Bougleaux Couto
Filhos:
Eduardo, Viviane, Bráulio, Luiz Henrique
Netos:
Leonardo, Tatiana, Jaqueline, Letícia, Luís Eduardo, Tiago, Guilherme, Ricardo e Bernardo

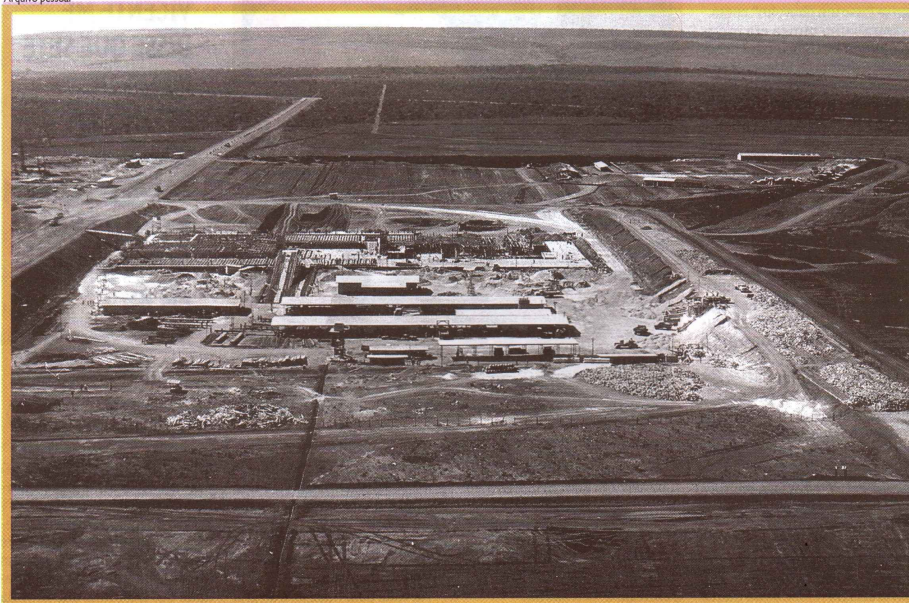


Ildeu de Oliveira

O empresário chegou ao local onde nasceu e se erguido na cidade. Foi responsável p

Construção, passo a passo, de um sonho de Juscelino

Arquivo pessoal



RAQUEL FLORES GARCIA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 27 anos de idade, o jovem dono de uma firma de construção, Ildeu de Oliveira, chegou a Brasília a bordo de um Scania, da Vasp — segundo ele, único avião de carreira que voava para a capital naquela época — e nunca mais saiu da cidade que ajudou a construir. “Daqui só vou pro Campo da Esperança”, diz o hoje experiente empresário, do alto dos seus 73 anos. “Brasília pra mim é tudo, é a minha vida”, sintetiza, para expressar o sentimento que nutre pela obra de Juscelino Kubitschek (também) de Oliveira, de quem é primo de segundo grau. O avô de Ildeu era irmão do pai de JK, mas, apesar do parentesco, durante os anos em que conviveram de perto, não se dirigia a ele como primo; “era governador ou presidente”, lembra respeitoso.

A convivência mais próxima com o parente ilustre data dos idos de 1954, quando JK se candidatou a governador de Minas Gerais. Mineiro de Araguari, Ildeu fez campanha para o primo na cidade natal. Depois, uma vez eleito presidente da República, Juscelino convidou o jovem empresário da construção civil para acompanhá-lo. Ildeu foi então à Novacap, cuja sede ainda era no Rio de Janeiro e tinha Israel Pinheiro por presi-

dente, “para pedir obras”. Depois de ter sido atendido pelo chefe do Departamento de Edificações, *doutor Vasco*, retornou a Belo Horizonte e fretou um avião monomotor para vir com os sócios onde seria a nova capital. Mas, segundo ele, nem o próprio piloto sabia onde ficava a cidade. “Ele nos perguntou onde era e, depois de uma hora e meia sobrevoando a região, sem saber onde estávamos, ele chamou o DAC de Formosa pe-

lo rádio e nós descemos lá”, lembra o desbravador.

Escassez de equipamento
De Formosa, por orientação de um sargento da Aeronáutica, levantaram vôo novamente até avistarem um telhado de alumínio, perto do Catetinho. Lá pousaram, se encontraram com o doutor Vasco e receberam instruções para trazerem, de Belo Horizonte, máquinas e material de serraria, havia escassez de equi-

pamentos dessa natureza na emergente capital.

Foi assim que, em fevereiro de 1957, quando não havia um único prédio erguido — apenas as fundações do Palácio do Planalto e do Brasília Palace Hotel, como recorda Ildeu — o jovem construtor se mudou da capital mineira para a nascente Brasília. Sua empresa, a Enal — Engenharia e Arquitetura Limitada, deu forma a algumas das primeiras obras candangas. Foi a responsável, por

ILDEU CHEGOU QUANDO NÃO HAVIA UM PRÉDIO SEQUER CONSTRUÍDO NA CAPITAL. FOI TESTEMUNHA OCULAR DO NASCIMENTO E CRESCIMENTO DA NOVA CAPITAL

de nascia a nova capital, em 1957, quando não havia um único prédio
el pela construção das primeiras casas de madeira da hoje Candangolândia

exemplo, pela construção das cinco primeiras casas de madeira, onde hoje fica a Candangolândia, àquela época chamada de Novacap. Entre os engenheiros que nelas moraram, figurava o ilustre Bernardo Sayão.

Na atual QL 6 do Lago Sul, as primeiras casas de alvenaria que abrigaram em uma delas outra celebridade, Israel Pinheiro, também foram obra da empresa de Ildeu. Na W3 Sul, onde hoje se localiza o Espaço Cultural Renato Russo, na 508, a Enal construiu o primeiro conjunto comercial da avenida, que passou a ser a sede da Novacap.

Também foram fruto da empreiteira pioneira dois estabelecimentos de ensino: o Elefante Branco, existente até os dias atuais, e o primeiro grupo escolar de Brasília, batizado de Júlia Kubitschek, em homenagem à mãe do presidente da República. Com tristeza, Ildeu conta que o colégio foi desmanchado e que no lugar dele existe um campo de futebol. "Eu disse um dia para o presidente que nós havíamos esquecido de tomar aquele prédio, mas quero construí-lo de novo e fazer uma espécie de museu escolar, pela memória de Brasília", revela Ildeu. "Mas ainda não recebi apoio", completa.

Hoje morador do Park Way, Ildeu residiu até 1970 no acampamento situado próximo ao jardim zoológico. Ali, segundo contabiliza, chegaram a morar 55 famílias. No auge das primeiras construções, o atual proprietário da imobiliária Santa Júlia chegou a empregar cerca de 600 operários, a maioria vinda do Norte e Nordeste do país, nos chamados paus-de-araras. "Eles ganhavam



ILDEU E NEUZINHA
COM FILHOS E
NETOS NA BRASÍLIA
QUE AJUDOU A
CONSTRUIR

muito bem. Alguns até iam visitar a família de avião, depois de um certo tempo", orgulha-se o empregador que trabalhava "praticamente as 24 horas do dia". À noite, como não havia muito o que fazer para se distrair, Ildeu costumava visitar as obras. Nos finais de semana, passeava em Anápolis, onde ele e os colegas diziam que iam "tomar um banho de civilização". Naquela época, havia uma única mulher na cidade, Leonora Quadros, diretora da construtora MMQuadros.

Vôo das 11h

Uma das distrações da época, enumerava Ildeu, era ir para o aeroporto ver quem saía e quem chegava no vôo das onze horas da manhã. Muitas amizades eram travadas ali, outras tantas na Novacap, "onde todo mundo se encontrava pra ver se tinha algum processo", recorda. "Prefiro a Brasília de antigamente do que a de hoje. Era mais amiga. Se o cimento acabava, pedia-se emprestado pra alguém e o empréstimo era feito na hora", exemplifica.

A Brasília da qual Ildeu sente saudade é a mesma que desperdoça nele os sentimentos poéticos que JK nutria pela cidade. Segundo relata, foram várias as exclamações de apreço que Ildeu testemunhou. Seja voltando da fa-

“
PREFIRO A
BRASÍLIA DE
ANTIGAMENTE
DO QUE A DE
HOJE. ERA MAIS
AMIGA. SE O
CIMENTO
ACABAVA,
PEDIA-SE
EMPRESTADO
PRA ALGUÉM, E
O EMPRÉSTIMO
ERA FEITO NA
HORA
”

zenda e vindo do alto da estrada as lâmpadas da cidade ao longe, seja admirando a 114 Sul — primeira quadra — ou vendo a Esplanada do Ministérios do mirante da torre de TV ou do escritório no edifício Oscar Niemeyer. Recordações que ficaram gravadas apenas na memória de Ildeu, sem registro paupável.

Em 1974, durante uma das inúmeras passagens do ex-presidente por Brasília, Ildeu pensou: "Ele (Juscelino Kubitschek) deve querer falar alguma coisa sobre os dez anos de cassado". Dando ouvidos à intuição, deixou um gravador preparado à espera de um provável discurso. Depois de terem ido ao posto do amigo Valença, perto do Hotel Nacional, para tomar um chape preto - grande sensação da época - foram ao apartamento de Carlos Murilo, na 111 Sul. Lá o presentimento de Ildeu se concretizou. "Ele foi lá dentro, colocou uns papéis debaixo do braço, chegou na sala e disse 'quero falar'", lembra. De fita cassete, a fala de JK passou depois para CD que hoje Ildeu se empenha em divulgar. Além do breve discurso, proferido informalmente entre amigos, o disco contém dois outros pronunciamentos de quando JK era senador e uma homenagem póstuma do então colega deputado Tancredo Neves.

Raio X

Nome: Ildeu de Oliveira
Idade: 73 anos
Natural de Araguari, Minas Gerais
Estado civil: casado com Neuzinha há 35 anos
Cinco filhos e nove netos
Profissão: Empresário
Ano que chegou a Brasília: 1957
Obras e currículo: Construiu as cinco primeiras casas de madeira da cidade, onde moraram alguns engenheiros, entre eles, Bernardo Sayão
Primo em segundo grau de Juscelino Kubitschek de Oliveira, acompanhou de perto muitas vezes a vida pública do presidente e, dez anos após a cassação, gravou um pronunciamento de JK, disponível em CD

PIONEIROS



Léa Sayão

Pioneirismo e coragem herdados do pai

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Só naquele dia em que ele me apareceu de dentro da selva, vestindo a rústica indumentária do pioneiro, tão naturalmente identificado com o meio, é que tive a exata noção da grandeza do homem que, havia menos de uma semana, nomeara para um dos cargos da Novacap. (...) capaz de superintender os serviços, trabalhando sem descanso, dia e noite, mesmo que tivesse de dormir embaixo de uma árvore, numa barraca de campanha”.

Com essas palavras, o presidente Juscelino Kubitschek prefaciou o livro de Léa Sayão — *Meu Pai, Bernardo Sayão* — sobre a coragem e luta incansável do amigo dos primeiros tempos na nova capital. O livro, hoje na sexta edição, levou a autora a receber vários prêmios. A historiadora, escritora e filha Léa é incansável no esforço de manter a memória do pai viva. Graças a ela a imagem do engenheiro está presente em livros, gibis, vídeo-documentários, CDs e no selo lançado, em 2001, para comemorar o centenário do nascimento do fundador da cidade de Ceres.

Foi o amor e o apego ao pai, que levavam essa mineira de Belo Horizonte a se adentrar pelas matas e abrir as primeiras estradas do Centro-Oeste ao lado do bandeirante. Com o mesmo espírito de aventura de Sayão e residindo em Anápolis, Goiás, Léa



sempre dava uma fugidinha para ver como ia a construção da nova capital. “Me lembro quando pegamos um jipe e fomos pela primeira vez, com meu pai, à cidade que ainda estava sendo construída. Assim que chegamos, perguntei: Não estou vendo Brasília. Aonde fica Brasília?” Questionou com certa decepção. “Brasília é aqui”, respondeu o bandeirante

apontando para as obras que se erguiam na poeira do cerrado.

As viagens ao lado do desbravador eram constantes e ficaram gravadas na memória da filha que uma vez, chegou a dirigir, escondido do pai, um comboio de 72 viaturas que ia do Rio de Janeiro para a fundação da colônia agrícola de Ceres, em 1948. “Por onde o comboio passava as pes-

soas paravam para olhar e perguntavam se era um circo que chegava à cidade ou se éramos ciganos”. Além da bênção de Deus, segundo ela, o comboio levava farmácia, barbeiros e cozinheiros. “Papai pensou nos mínimos detalhes da viagem”, relembra emocionada.

Léa chegou a acompanhar o pai, diretor da Novacap, em suas

**LÉA SAYÃO E O PRESIDENTE
JUSCELINO KUBITSCHEK,
NO IATE CLUBE,
DURANTE A CERIMÔNIA
DE HOMENAGEM ÀS 12
MULHERES QUE MAIS
TRABALHARAM PELO BRASIL**

PIONEIROS

Os primeiros contatos de Léa com Brasília vieram por intermédio do pai, Bernardo Sayão, responsável pela abertura das principais vias de acesso à nova capital

LÉA DEDICA GRANDE PARTE DE SEU TEMPO A MANTER VIVA A MEMÓRIA DO PAI BERNARDO SAYÃO

empreitadas na construção da cidade. Participou da abertura de vias de acesso à nova capital, como por exemplo a Anápolis-Brasília, e da construção da primeira escola da cidade, dos cinemas e dos primeiros campos de pouso de aeronaves.

Fascínio

Com as idas e vindas à Brasília, a pioneira se sentia cada dia mais atraída pelo som dos martelos que vinham das obras e pelo ritmo incessante das construções. "Os operários não paravam, as luzes permaneciam acesas dia e noite. Foi quando percebi que estava assistindo ao nascimento da cidade", conta a jornalista que se mudou definitivamente, com marido e filhos, para a cidade após a sua inauguração. A correria dos mestres de obras, a movimentação em torno das construções, o vai-e-vem dos carrinhos de mão, tudo aquilo a fascinava. "A pressa era tanta que inauguravam as obras antes delas ficarem prontas".

A morte de Bernardo Sayão, em 15 de janeiro de 1959, quando foi atingido por um tronco de árvore em plena selva maranhense, fez renascer em Léa a "figura varonil e empreendedora do pai", de acordo com palavras de Juscelino. A exemplo do idealizador e construtor da Belém-Brasília, Léa sempre se preocupou em ajudar o próximo e com a educação das crianças e dos peões. Na colônia agrícola de Ceres, ela fazia das casas dos colonos salas de aula onde ensinava as primeiras letras aos moradores. Em Brasília, não era muito diferente, a professorinha também sabia improvisar as salas de aula. O importante para ela era garantir a



educação aos analfabetos.

O envolvimento em trabalhos assistenciais também era comum na vida da diretora do jornal Estado do Rio de Janeiro, que chegou a fundar. Foi presidente da Associação Cristã Feminina de Brasília, numa época difícil e sem recursos. "Uma vez, durante a visita de um casal de americanos, me perguntaram aonde funcionava nossos trabalhos. Respondi abrindo o porta-malas do meu carro, onde guardava todo o material utilizado". A associação, carente de recursos, não tinha sequer um prédio ou um local para o seu funcionamento.

Em 24 de agosto de 1961, durante o ato de leitura da carta de renúncia de Jânio Quadros, entrava para trabalhar no Senado a filha do grande construtor, contratada pelo então presidente da Casa, senador Auro Moura de Andrade. Segundo um vidente, entrava acompanhada de

“**OS OPERÁRIOS NÃO PARAVAM, AS LUZES PERMANECIAM ACESAS DIA E NOITE. FOI QUANDO PERCEBI QUE ESTAVA ASSISTINDO AO NASCIMENTO DA CIDADE**”

um homem alto, forte, usando botas de comando e uma camisa com as mangas arregaçadas. "Meu pai me acompanhava naquele momento", afirma Léa. Para ela, "o pai não morreu, seu espírito permanece entre nós, na cicatriz indelével, no mapa do Brasil da gigantesca Rodovia Bernardo Sayão".

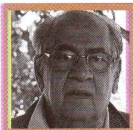
A saga destes pioneiros hoje é contada nos livros *Meu Pai, Bernardo Sayão, Brasília eu te Amo* e *Brasília I Love You*, onde a própria personagem relata nos mínimos detalhes a vida e as obras do grande desbravador. O cenário não poderia ser outro: a rodovia que corta o país e a Brasília que ela própria ajudou a construir com amor e dedicação.

Hoje, aos 75 anos, a moradora da Asa Sul é menos aventureira. Gosta de apreciar as boas coisas da cidade. Entre elas, o céu de Brasília, que passa horas a contemplar.

Raio X

Nome: Léa Sayão Carvalho
Aratijo: Aratijo
Idade: 75 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1961
Profissão: escritora, historiadora e jornalista
Marido: Milton P. de Pina
Filhos: Milton de Pina Júnior, Bernardo de Pina
Netas: Júlia e Alice

PIONEIROS



Victor Tannuri

Dedicação e reconhecimento: lá vem o doutor Brasília!

Arquivo pessoal

RAQUEL FLORES GARCIA
ESPECIAL PARA O CORREIO

De tanto se empenhar em prestigiar a cidade levando trabalhos científicos para os congressos que participava, Victor Tannuri acabou recebendo dos colegas de profissão o carinhoso apelido de "Dr. Brasília". "Eles me relacionavam com a cidade", conta o otorinolaringologista formado em 1956 pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Quatro anos depois da formatura, o chefe do então jovem médico, professor Ermiro de Lima — "a maior autoridade das Américas em otorrino" — foi convidado para integrar a equipe da Câmara dos Deputados. Como o mestre "já tinha muita idade", passou o convite para Victor, que estava com 30 anos e aceitou de bom grado. "Um mês de salário daqui equivalia a dez meses de lá", contabiliza o ex-funcionário do Hospital do IAPC (Comercários) e do IAPB (Bancários), no Rio. Para os funcionários da Prefeitura da cidade, ele prestava atendimento gratuito.

Mas não foi apenas a vantagem salarial que fez o pioneiro, natural de Dourado (hoje Rio Claro — SP), trocar a residência no charmoso bairro do Leme pelo incipiente bloco da 304 Sul. Primeiro local onde morou na capital recém-inaugurada. "Só tinha o primeiro andar pronto", lembra Victor, que



se sentiu atraído também pela possibilidade de trabalhar com uma equipe médica de alto padrão. "Adorei conseguir mostrar a minha potencialidade", exulta o médico que, além de na Câmara dos Deputados, trabalhou no Hospital de Base quando ainda se chamava Hospital Distrital.

O convite para trabalhar na Fundação Hospitalar surgiu a partir de um ato deveras audacioso do visitante. Pela data — 1º de

abril — e pela singularidade do ocorrido, poderia até parecer mentira, mas justamente por ter acontecido (com direito a testemunhas oculares, como o colega José Farani) é que Victor saiu do anonimato e ganhou a vaga no hospital. De passagem por um hospital, durante uma visita em 1960, topou com uma menina "que mostrou angústia e pediu ajuda". Graças a uma traqueostomia de urgência, feita sem aneste-

sia, a criança foi salva pelo jovem especialista. Depois do feito, a popularidade era inevitável. "Eu era tão querido, que onde entrava o pessoal batia palma. Fiquei muito popular, sou muito espontâneo", descreve-se.

Audácia

A marca registrada da audácia levou também Victor Tannuri a entrar pela porta da frente do Palácio do Planalto onde se encon-

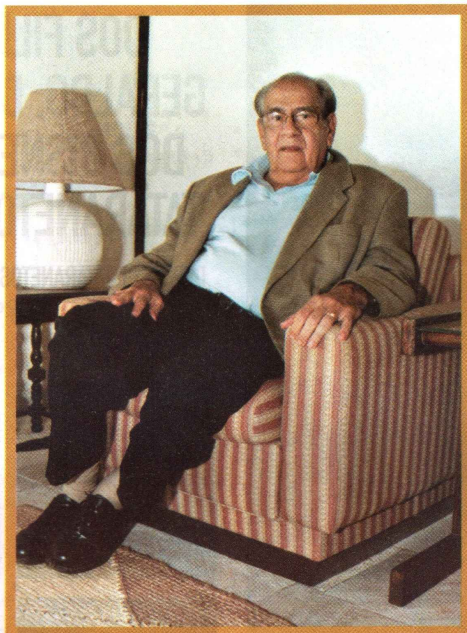
COM UM GRUPO DE
COLEGAS, VICTOR
TANNURI FUNDOU A
CLÍNICA SÃO BRAZ NA
W3 NORTE

trou pessoalmente com o presidente Juscelino Kubitschek e pediu a autorização de transferência do Rio para Brasília. No mesmo dia em que livrou a garota desconhecida da morte por dispnéia, Victor tinha sido deixado

PIONEIROS

Com 30 anos, Victor Tannuri chegou à nova capital para fazer parte da equipe médica da Câmara dos Deputados e do Hospital de Base, em 1960

VICTOR TANNURI, APOSENTADO, TROCOU AS CIRURGIAS PELA LITERATURA. TEM DEZ LIVROS PUBLICADOS



no aeroporto sozinho — “o grupo com o qual eu havia viajado tinha indicação de um ônibus e foi embora” — e pegou uma carona até o Planalto. Ele precisava que o presidente autorizasse sua transferência do Rio para Brasília. Com o processo em mãos “no peito e na raça”, ouviu o nome de um coronel que era secretário do presidente e se aproximou. O militar, sabendo da razão pela qual Victor estava ali, disse: “Você é muito audacioso, vou te ajudar”, conta o médico. Foi assim que teve acesso ao gabinete presidencial e de lá saiu com a tão desejada — e necessária — autorização.

Cerca de dois anos depois do encontro com JK, o próprio presidente, por intermédio do secretário, coronel Nélcio Cerqueira, incumbiu Victor de atender uma paciente bastante *sui generis*: a índia Jacuf, muito famosa na época. “O presidente gostava muito dela”, relembra. “Eles me mandaram de avião lá para a Ilha do Bananal”, completa. Victor conta que o atendimento estava indo muito bem até a hora em que os índios adultos aproveitaram um momento sem que ninguém os visse e retiraram o soro dos indiozinhos desidratados. “Eles ficaram assustados com aquilo”, explica o enviado especial à aldeia indígena.

Entre todos os presidentes da República, Victor Tannuri só não atendeu Lula, porque já havia se aposentado quando o dirigente foi eleito para o cargo. Muito respeitado no meio governamental, lembra que teve como pacientes diversos ministros de tribunais e — obviamente — deputados. “Eles confiavam em mim. Antes eles geralmente iam para o Rio ou São Paulo se tratar, mas con-

seguiu inverter isso. Com o tempo, até alguns governadores vinham se tratar aqui”, orgulha-se o ex-diretor geral do Serviço Médico da Câmara Federal e um dos dez primeiros médicos a chegar em Brasília.

Desafios

Nem tudo, no entanto, foi fácil para Victor exercer a profissão em uma cidade que estava apenas nascendo. Na falta de material por não querer — ou, em alguns casos urgentes, na verdade não poder — esperar nova remessa chegar, comprou instrumentos do próprio bolso, como por exemplo um microscópio para poder operar. As dificuldades, porém, parecem ter sido um estímulo para o inquieto e arrojado otorrinolaringologista. Prova disso está na realização de um congresso internacional de otologia na cidade, em 1964, somente quatro anos após a inau-

guração. “Você está vendo como sou louco? Nem no Rio de Janeiro eles conseguiam fazer”, comenta entusiasmado.

“Aqui eu consegui fazer alguma coisa de bom, mais do que no Rio, porque pensávamos na sobrevivência e trazíamos a técnica de São Paulo, a mais moderna que se tinha”, recorda-se o autor de mais de quatro mil cirurgias de surdez. Entre seus feitos está o de montar um serviço de endoscopia de primeira classe na Fundação Hospitalar. A veia empreendedora de Victor Tannuri também o levou a fundar, em sociedade com colegas da medicina, duas clínicas: a Santa Lúcia e a São Braz, um braço dissidente da primeira que começou a funcionar ainda em 1964, na Asa Norte. A clínica ficava em um prédio — o primeiro da W3 — com planta desenhada por Oscar Niemeyer. Hoje, no local, funciona uma locadora de vídeos, mas a clínica que leva o nome do

“**AS AUTORIDADES CONFIAVAM EM MIM. ANTES, ELAS GERALMENTE IAM PARA O RIO OU SÃO PAULO SE TRATAR, MAS CONSEGUI INVERTER ISSO**”

santo padroeiro dos males da garganta cresceu, mudou para a Asa Sul e virou hospital.

Depois de tantas proezas na área médica, aposentado desde 2001, membro da Academia de Letras e Música do Brasil e da Internacional de Lutece, na França, Victor Tannuri trocou as cirurgias de reconstituição de ouvido e os implantes de nervo por outro tipo de operação: escrever obras literárias. São ao todo dez livros de literatura já publicados. Aos 73 anos de idade, revela: “Tenho muita dificuldade em parar”. Não é para menos, depois de uma vida profissional intensa com plantões que o permitiam dormir apenas duas a três noites por semana. Com tão pouco tempo livre, ainda assim praticava esportes no Clube do Congresso e no late Clube, os dois primeiros da cidade. Sem contar as festas, às quais, segundo ele, tinha que ir a todas “senão ficavam com ciúmes”.

Raio X

Nome:

Victor Tannuri

Idade:

73 anos

Origem:

Dourado (atualmente Rio Claro), São Paulo

Família:

Casado com Naid Maria, pai de duas filhas e avô de três netos (um deles campeão Pan-

americano de Jiu-Jitsu)

Profissão:

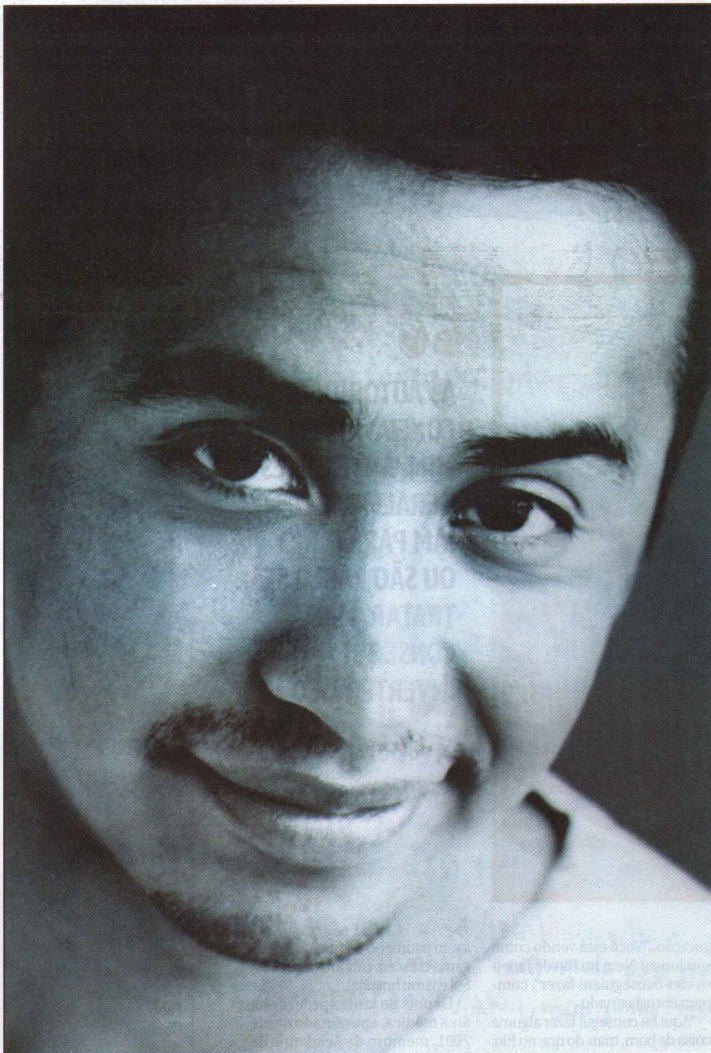
Médico (otorrinolaringologista)

Ano que chegou a Brasília:

1960

Títulos:

Foi um dos dez primeiros médicos a chegar à cidade, diretor geral do Serviço Médico da Câmara Federal. Fundou as clínicas Santa Lúcia e São Braz. Atualmente é escritor, com dez obras publicadas

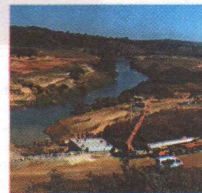
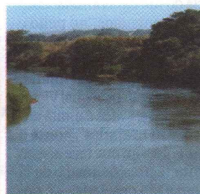


ÁGUA DE QUALIDADE PARA GARANTIR A SAÚDE DO GERALDO, DOS FILHOS DO GERALDO, DOS NETOS, DOS BISNETOS, DOS TATARANETOS E DOS...

DEPOIS DE TATARANETOS VEM O QUE MESMO?

CORUMBÁ IV.

ÁGUA SAUDÁVEL
GARANTIDA
PELOS PRÓXIMOS
100 ANOS.



O Geraldo nunca esteve tão tranquilo com relação à água da sua casa. Ele acabou de saber que a barragem de **Corumbá IV** vai abastecer o Distrito Federal por, pelo menos, mais um século. O que significa quali-

dade de vida e saúde para ele e sua família por várias gerações. E mais, o Geraldo soube ainda que **Corumbá IV** vai criar um lago maior do que o Paranoá, gerando lazer, turismo e negócios na região. Mas isso aí é outra história.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL